

*SONHO, FICÇÃO OU REALIDADE, a vida de Antonio Tabucchi não bastou para conter o homem que a habitava, ou porque o sonho transbordava dos dias, ou porque as paixões suplantavam as vivências, ou porque a literatura excedia a vida.*

*O seu primeiro romance, Piazza d'Italia (1975), conta a história de uma família de anarquistas toscanos. O último livro de contos que publicou, Racconti con figure (2011), fala de imagens, em particular de imagens pictóricas, cujos protagonistas saem da tela e agem por si próprios, libertando-se, em fluxos musicais, da imobilidade que os prende. Formas de comportamento, situações, vontades envolvem a sua escrita numa estranheza cuja acuidade a transforma, dum rasgo, em pulsão crítica que é tensão libertadora. O desmantelamento daquelas contradições que um olhar desprevenido não é capaz de captar traz à tona vazios e falhas de sentido alojados no reverso do mundo, mas que só uma perscrutação aguda sabe captar e confessar. A leitura abrange então horizontes sempre mais longínquos, escavando na profundidade do fio que sustém as coisas. Mas a curiosidade que a guia é tão penetrante e tão ávida que não há mundo que a satisfaça. É que descobrir-lhe o reverso é escapar à ordem rotineira da existência e à frieza de causas e determinações, para deixar fluir aqueles efeitos visionários que afinal lhe servem de trama.*

*No livro de ensaios que já tinha organizado e que foi editado no presente ano de 2013, Di tutto resta un poco. Letteratura e*

cinema, afirma que cabe à literatura “porre domande, inquietare, essere co-scienza critica”. Com a literatura, as outras artes. Os seus filmes preferidos não têm um desenlace fechado. Casablanca, de Michael Curtiz, que acumula contradições e improbabilidades de toda a ordem para terminar com uma nova aventura. Blow-up, de Michelangelo Antonioni, a minuciosa tentativa de indagação e observação de um homicídio cujo desenlace implica a interrogação retrospectiva de todo o processo. Hable con ella, de Pedro Almodóvar, um labirinto de sentimentos sem resolução.

Esse mesmo desassossego que conduziu Antonio Tabucchi para além da aparência das coisas, trouxe-o também até ao Portugal que adoptou e que o adoptou, entre as margens da saudade e os estridores de um fado que é sempre um livro a escrever, mesmo quando já foi ditado.

É ao escritor e intelectual que foi também Director do Instituto Italiano de Cultura de Lisboa entre 1985 e 1987, que a revista Estudos Italianos em Portugal presta homenagem com este dossiê.

Antonio Tabucchi conhecia Lisboa de ponta a ponta, mesmo os seus mais insólitos lugares. Um dia, em Requiem, apanhou um táxi e foi até ao Cemitério dos Prazeres, mas acabou por ser ele a indicar o caminho ao taxista. Visitou a campa de Tadeus, figura dúbia. Talvez fosse o esquivo escritor de quem em vão andara à procura em Notturmo indiano. Talvez fosse conivente com a prisão de um grupo de jovens que conspirava contra o Estado Novo. Um acto premonitório, pois daí a pouco tempo o jovem jornalista Monteiro Rossi, de Sostiene Pereira, seria barbaramente assassinado pela polícia política. Por sinal, neste mesmo romance, o Dr. Cardoso, um médico do revirvalho que planeava dar o salto para França, expõe a sua teoria sobre a confederação entre as almas, segundo a qual não há almas isoladas, pois cada alma encontra-se ligada a outras das quais depende.

Afinal, como escrevia Fernando Pessoa, A Literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta.